

**POR QUE OS TRABALHADORES DE ANTIGAS REGIÕES INDUSTRIAIS
DA GRÃ-BRETANHA VOTARAM PELO BREXIT?
(Breves traços de história social e política do trabalho)**

**WHY DID THE WORKERS
IN BRITAIN'S OLD INDUSTRIAL REGIONS VOTE FOR BREXIT?
(Short Glimpses on Social and Political History of Work)**

Huw Beynon*

Ray Hudson**

(Tradução de Leonardo Mello e Silva***)

Resumo

O texto discute a posição política dos mineiros, em particular, e da classe trabalhadora da Grã-Bretanha, em geral, diante das escolhas políticas com as quais se defrontaram nos últimos anos: o *Brexit* (2016) e as eleições gerais de 2019, com a derrota do Partido Trabalhista. Procura adotar uma postura compreensiva, ancorada na história social e na cultura operária nativa, a fim de relativizar o juízo superficial que a classe trabalhadora teria efetuado uma “virada à direita”.

Palavras-chave: Conservadorismo operário. *Brexit*. Cultura operária. Mineiros britânicos.

Abstract

The piece discusses the political position of miners, in particular, and of the British working class, in general, facing the political choices they have done in recent years: *Brexit* (2016) and the 2019 general elections, with the defeat of the Labor Party. It aims to adopt a comprehensive stance, anchored in social history and native working-class culture, in order to question the superficial judgment that the working class would have made a “turn to the right”.

Keywords: Working class conservatism. *Brexit*. Working class culture. British miners.

Apresentação

O professor Huw Beynon, catedrático da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Cardiff, no Reino Unido, é sociólogo dedicado há anos a estudar a classe trabalhadora, sua história e sua cultura, no país pioneiro da Revolução Industrial. Seu primeiro livro, *Working for Ford*, de 1973, e com tradução no Brasil (BEYNON, 1995a), foi um marco da etnografia fabril que retomava a tradição da pesquisa participante, mas com um viés crítico e atento à resistência operária no chão de fábrica (*shopfloor*): um conceito que, aliás, deve muito à tradição britânica de relações industriais, em que os sindicatos de ofício jogavam um papel relevante e propedêutico para as demais categorias profissionais na defesa de suas prerrogativas de controle do próprio trabalho.

* Professor emérito de Ciências Sociais na Universidade de Cardiff, Reino Unido.

** Professor emérito de Geografia na Universidade de Durham, Reino Unido.

*** Professor do Departamento de Sociologia da USP. E-mail: leonardogomesmello@gmail.com

As mutações da classe trabalhadora industrial, muito acentuadas desde o final dos anos 1970 e intensamente sentidas na pátria original do neoliberalismo com a senhora Thatcher, inimiga declarada dos sindicatos, foi acompanhada em uma série de obras distribuídas em livros, coletâneas, artigos, capítulos de livros, comunicações, relatórios de pesquisa e palestras – algumas delas traduzidas e publicadas no Brasil¹ – que atestam o longo percurso de Huw e sua coerência no tratamento de um objeto muito problemático por sua conexão com as determinações históricas e escolhas políticas mais amplas da sociedade, por isso mesmo contestado e sensível.

O objeto “classe operária” está desde muitas décadas em crise, mas sua carga simbólica e política não pode ser eludida facilmente, a despeito das evidências empíricas e quantitativas dando conta de seu declínio, tendo em vista o significado de uma condição de classe que dificilmente pode ser considerada **ultrapassada**, mesmo nos dias de hoje. Fonte irradiadora de uma energia contestatória, ela emerge toda a vez que as lutas sociais ganham novamente fôlego. Foi assim no final do século passado, quando, na esteira dos movimentos antiglobalização (Seattle e Gênova como marcos midiáticos) e do surgimento do Fórum Social Mundial, chegou-se a falar de um “novo internacionalismo operário”. Era impossível elencar o repertório de movimentos sociais globais então sem incluir também as iniciativas de (re)organização das estruturas conhecidas de representação do mundo do trabalho que naquele momento se observava, mesmo com toda a realidade da reestruturação produtiva a apontar para uma racionalização implacável dos empregos.

Huw acompanhou esses movimentos com grande atenção, arregimentando pesquisadores em torno dessa nova pauta. Não era apenas a Ford que se “des-fordizava” mas todo o complexo industrial que assumia uma feição mais descentralizada, precária e enxuta, deixando à mostra a deriva de uma classe que perdia muito de seu apelo simbólico e seu “lugar” na sociedade.

As pesquisas do autor juntamente com o sociólogo Theo Nichols, em parceria de décadas – o livro escrito a quatro mãos, *Living with Capitalism*, é um notável estudo que antecipa muito do que viria a acontecer depois com a políticas de “comprometimento” da força de trabalho – fornecem um guia de preocupações bem embasado para acompanhar as estratégias gerenciais que decretaram o fim do protagonismo da classe operária ao longo do final do século XX e início dos anos 2000. Nesse sentido, Huw é um sociólogo do trabalho irrepreensível e de estatura equivalente, para o Reino Unido, à de um Michael Burawoy para os Estados Unidos.

Mas os trabalhos mais profícuos e duradouros talvez sejam aqueles que se debruçaram sobre uma outra categoria de trabalhadores: os mineiros, categoria essencial, historicamente falando, para o capitalismo britânico e também mundial, por um largo tempo. Ali foi possível desenvolver uma abordagem mais integrada do fenômeno do trabalho, ao estilo de um **fato social total**, pois a comunidade (realidade inextricável da atividade das minas) está presente

1 Acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre o mundo do trabalho na Grã-Bretanha, há dois artigos seus em língua portuguesa lançados mais ou menos à mesma época no Brasil: “As práticas do trabalho em mutação” (BEYNON, 1998), e “Globalização, Neoliberalismo e Direitos dos Trabalhadores no Reino Unido” (BEYNON, 1999). Anteriormente, já havia sido publicado um outro artigo no mesmo diapasão (BEYNON, 1995b).

desde o início do exercício do labor: na família, na vizinhança, na arquitetura das casas geminadas, na alimentação, na doença, na rudeza do trato pessoal, na linguagem, no corpo... as comunidades mineiras são quase um mundo à parte e, por essa razão, uma fonte rara de observação da solidariedade gerada por um grupo, do sentimento de um “nós” oposto ao “eles” de fora da comunidade.

Atualmente em declínio, mas vez ou outra atingidas por campanhas de “revitalização”, as cidades mineiras são o protótipo em tudo oposto ao ideal valorativo da cultura pós-moderna, isto é, o individualismo cosmopolita e desenraizado. Sendo parte do grupo dos que “ficaram para trás” (como, aliás, a classe operária em geral), os mineiros constituem assim um lugar privilegiado de observação dos paradoxos de um tempo acelerado de transformações que parece estar num ritmo descompassado com nossa capacidade de compreendê-lo.

Huw Beynon, que neste excerto comparece com um pequeno texto escrito juntamente com o professor Ray Hudson, confirma, desse modo, para os leitores brasileiros, a sua presença constante em nosso próprio debate nativo, tendo em vista a profusão de textos de sua autoria já traduzidos para o português, e que não é o caso aqui de fazer uma resenha, agora adicionando mais uma peça, singela em sua dimensão, mas cheia de implicações para o debate mais amplo. É a classe trabalhadora intrinsecamente “conservadora”, tendo em vista a sua “resistência à mudança”? Pode evoluir para posições francamente à direita do espectro político? O tópico não é novo – a própria sociologia britânica enfrentou essas questões nos anos 1960 e depois, com D. Lockwood e J. Goldthorpe, por exemplo – mas sua retomada na discussão do presente, no mundo, só reforça a oportunidade de ter mais elementos fatuais disponíveis para a reflexão e para a construção de um entendimento mais compreensivo dos fenômenos. Para ficar em nosso contexto nacional, vale lembrar os termos do debate político, em que novamente um partido representando o trabalho volta ao poder executivo, e em que, muito por causa desse acontecimento, os críticos repugnam a oposição do “nós” contra “eles”, supostamente estimulado por tal força política, como se fora esse o pecado maior no qual ela incorre – e como se, do ponto de vista sociológico, pudesse ser diferente...

Artigo

Em 23 de junho de 2016, o povo britânico votou num referendo convocado pelo primeiro-ministro conservador sobre a manutenção do Reino Unido como membro da União Europeia. Juntamente com seu chanceler de exchequer, ele tinha recomendado fortemente o voto no “ficar”, advertindo que isso estaria de acordo com os interesses econômicos de todos. Seus consultores tinham assegurado a ele que o “ficar” tinha dez pontos de dianteira sobre o “sair”, e a pesquisa sobre a permanência conduzida pelo governo confirmava aquele diagnóstico, porém com uma margem menor.

Entretanto, quando os primeiros resultados vieram do nordeste da Inglaterra, tais previsões começaram a parecer instáveis. Numa alta afluência em Sunderland, 61% tinham votado “sair”, e isso se tornou o padrão para as velhas áreas industriais do País de Gales e do norte da Inglaterra. O referendo, e a ideia de que “cada voto conta”, tinha engajado as pessoas, muitas das quais previamente não votantes, e elas penderam a balança e endereçaram seu voto para o que ficou conhecido como *Brexit*.

Nos dias e semanas que se seguiram, o resultado foi recebido com incredulidade e visto frequentemente como uma revolta dos velhos e sem escolaridade, nostálgicos de um tempo pretérito quando a Grã-Bretanha era grande. Isso foi posteriormente descrito por Goodhart como um conflito entre aqueles que estavam ligados a uma vida que transcorria “em algum lugar” contra aqueles que eram móveis e podiam viver “em qualquer lugar” (GOODHART, 2017). Isso ecoava uma distinção prévia entre os “locais” e os “cosmopolitas”, com sua torção ampliada (escolhida pela senhora May – Teresa May, primeira-ministra britânica entre 2016 e 2019 – e os *Tories*² “vermelhos”) para que os locais pudessem fornecer uma nova base para o Partido Conservador. Seguindo nessa linha de pensamento:

com o declínio dos empregos mais bem remunerados, os locais, além de serem economicamente perdedores para pessoas com qualificação mais baixa do que a deles, eram também culturalmente perdedores, com a desapareição de uma cultura operária distinta e a marginalização de suas visões de mundo na conversação pública (GOODHART, 2017, p. 3).

Dentro do sindicalismo, havia uma divisão, e uma tendência a enxergar o voto como malconduzido e sobreavaliado pela imprensa. Havia uma avaliação inicial do *Centre of Labour and Social Studies* (CLASS), o *think thank* dos sindicatos, enfatizando como uma “liderança e comunicação pobres resultaram em xenofobia e mal-entendido sobre quem e o que estava causando sofrimento e desigualdade”. Ele acabou por revisar essa opinião, vendo o problema residindo no “inflado sentimento anti-imigração que tem tomado este país” (SHAHEEN, 2016, p. 16).

Mesmo isso, entretanto, era meramente um arranhão superficial no tipo de raciocínio e na emoção que levaram ao resultado. Tim Shipman situou com propriedade o caso de ser “malconduzido” e de “chafurdar na lama” quando ponderou que:

o referendo representou uma revolta das classes provincianas – ignoradas, difamadas e empobrecidas – contra o acolhedor consenso metropolitano sobre a Europa, os benefícios da imigração e a crença de que a prosperidade econômica nacional supera a experiência pessoal das dificuldades (SHIPMAN, 2017, p. 579).

² *Tory* é a designação dos conservadores no Reino Unido.

Tomados em conjunto, esses relatos caminham de certa maneira na direção de uma explicação da frustração e da raiva que impulsionaram muitos dos “não votantes” a ir às urnas e votar para deixar a União Europeia. Isso foi realçado uma vez mais, e amplificado pelas eleições gerais de 2019, quando o *Brexit* foi novamente o palco principal, e grande quantidade de cadeiras do Partido Trabalhista, muitas das quais em antigas áreas industriais e mineiras, viraram-se para os conservadores de Boris Johnson. Parecia algo como um evento cataclísmico, e que sugeria que **identidades históricas** estavam sendo erodidas.

Investigando mudanças profundas similares nos EUA, Arlie Russel Hochschild em seu livro *Strangers in their Own Land* argumentou sobre a necessidade de olhar “para além da superfície” das coisas, a ver as coisas “desde dentro”, e entender a “história profunda” que se assenta por detrás da raiva e da retórica do dia a dia: uma história profunda que as pessoas reconheceram e compreenderam (HOCHSCHILD, 2016). Sua “história profunda” fala de direitos perdidos e negligenciados, da oferta de benefícios aos recém-chegados, e do furar a fila. Acima de tudo, em seu relato, ela enfatiza o significado da “honra”, e as formas pelas quais as pessoas vêm a se sentir desonradas pelos processos de mudança, em que a percepção dos malfeitos do governo se afigura em sua centralidade.

Presentemente na Grã-Bretanha há a necessidade de contar essa “história profunda” de uma desprivilegiada classe trabalhadora industrial, uma que tome a “visão de longa duração”, olhando para o século que levou tanto ao referendun de 2016 quanto às eleições gerais de 2019. Uma história que seja localizada na história de lugares que se transformam e são decompostos peça por peça. Uma história que conta a história de dentro, através das vozes daqueles envolvidos nela.

Nós tentamos fazer isso em nosso livro *The Shadow of the Mine*, no qual focamos nos *mineiros* de Durham e do sul do País de Gales – duas das mais famosas áreas de mineração de carvão da Inglaterra e de Gales. Ao longo de um período de cem anos, eles experimentaram a ascensão e o fechamento de sua maior indústria. Em seu auge, foram os supridores-chave da energia ao redor do mundo para os mercados imperiais da nação. No sul de Gales, havia orgulho do carvão a vapor seco retirado de seus vales centrais e que moviam os navios da esquadra do país.

Ao longo do último século, a vida desses campos de mineração tem sido cuidadosamente observada em muitos aspectos. Duas das maiores novelas de A. J. Cronin se passam lá: *The Citadel*, no sul de Gales, e *The Stars Look Down*, em Durham. Ambos tornados filmes, e seguidos pelo inferior *How Green was My Valley* (Como Era Verde o Meu Vale), que ganhou o Oscar de melhor filme em 1942. Eles registraram na mente do público a vida dos mineiros de carvão e de suas famílias, com imagens tornadas indelévels por uma série de desastres industriais e catástrofes criadas por explosões e, mais recentemente, em 1966, o colapso de um monte de resíduos situados perigosamente num morro bem acima do vilarejo de Aberfan, engolindo a escola e matando 116 crianças e 28 adultos.

Situadas na borda provincial do país, essas áreas tinham uma significativa presença política na Grã-Bretanha industrial. As cidades e vilarejos dessas áreas eram centros poderosos da classe trabalhadora comprometida com o sindicalismo. Os mineiros do carvão e seu sindicato estiveram no centro da única greve geral chamada pelo *Trades Union Congress* (TUC) – central sindical britânica de amplitude nacional –, em 1926, a ser falada e rememorada pelas futuras gerações, especialmente em tempos de conflito. Com a formação do Partido Trabalhista, os distritos mineiros também se tornaram conhecidos como a nova terra do coração do partido. Seis líderes do partido tiveram suas bases ali: Kier Hardy, MacDonald (que manteve assentos nas duas áreas), Callaghan, Foot, Kinnock, e Blair – e, com o tempo, tornaram-se sinônimo de uma forma “trabalhista” de fazer política, mantida unida pelos interesses complementares, mas separados dos sindicatos e do partido.

No período do pós-guerra, as minas de carvão foram nacionalizadas para produzir carvão “em nome do povo”. Isso, juntamente com a incorporação de vários sindicatos distritais para formar o Sindicato Nacional dos Mineiros (*National Union of Mineworkers*), juntou mineiros de diferentes campos de carvão como parte de uma mesma classe e como parte de um projeto nacional. Isso foi visto por muitos como o maior passo à frente, e houve considerável apoio para a nova empresa estatal. Entretanto, depois de um período de grande restrição (quando metade da indústria foi fechada, nos anos sessenta do século passado, sem séria resistência), os mineiros entraram em greve novamente em 1972 e 1974, granjeando notáveis vitórias, alcançadas com apoio público considerável.

Por essa época, contudo, Durham e o sul de Gales, antes localizados no centro da atividade, tinham se movido para as margens. Para eles, o fim parecia estar à vista quando a senhora Thatcher foi eleita em 1979, comprometida com a economia de mercado e com a missão de enfraquecer os sindicatos. Temendo pelo futuro, os mineiros, em ambas as áreas, arriscaram tudo em uma longa greve de duração de um ano, sustentada por meio de apoio coletivo e de organização. Como em 1926, eles foram derrotados, porém, dessa vez, a derrota antecipou a morte da atividade. Apesar das garantias do governo, o que se seguiu foram duas grandes ondas de fechamento das minas, removendo todos os traços de uma indústria cujos lugares tinham uma vez parecido sinônimo de carvão.

Por fim, a indústria do carvão seguiu a do aço e a dos principais serviços de utilidade pública no caminho para o mercado, como uma empresa privada. Batizada *British Coal*, ela assinalou o fim da indústria de extração do carvão, e posteriormente contribuiu para enfraquecer qualquer senso de ligação a algum projeto nacional maior. As pessoas agora sabiam que estavam por sua própria conta. Quando o filme sobre Margaret Thatcher, *The Iron Lady*, estreou, os cinemas que o exibiam ficaram praticamente vazios no nordeste da Inglaterra e no sul de Gales.

A derrota de 1985 afetou a todos, não apenas as áreas mineiras. As pessoas diziam: “se os mineiros não podem, ninguém mais pode”. Bernard Hare, por exemplo, escrevendo em 2006, refletiu nos seguintes termos:

Eu não havia nascido em uma subclasse [*underclass*] – isso não existia quando eu nasci – mas minha família inteira como que caiu nela depois da greve dos mineiros de 1984-1985. Antes daquilo, nós sentíamos que nós éramos parte de algo, uma comunidade, uma grande nação com uma grande história. Depois daquilo, nós sabíamos que éramos redundantes, lixo, nada... nossas comunidades desmoronaram, as pessoas perderam a esperança e se sentiram traídas (HARE, 2006, p. 2).

Se isso quer dizer alguma coisa, o senso de traição e de abandono só cresceu desde então, e em nenhum lugar ele foi maior do que nas duas áreas mineiras. As esperanças por sua transformação sob o Governo Blair foram baldadas. Os empregos passaram a ser crescentemente temporários e malpagos, colocando ambas as áreas próximas à linha de baixo da escala salarial, enquanto a clivagem entre eles e o sudeste se estendeu, criando uma crescente sensação de ser deliberadamente deixados para trás.

Nessas áreas, havia uma ausência de liga entre lógica e sentimentos da velha economia industrial, por um lado, e o pujante futuro pós-industrial prometido pela “*Britannia Cool*” do novo trabalhismo, por outro lado. Para além do potencial turístico da “herança” (industrial), o novo trabalhismo tinha pouco tempo para o passado, para as memórias e reflexões do povo nas velhas áreas industriais, e essa desarticulação produziu ódio. No sul de Gales, quando o arquiteto Jonathon Adams sugeriu que o Congresso do País de Gales abandonasse as tentativas de reindustrializar povoados nas antigas áreas mineiras, Lianne Woods, então líder do partido nacionalista galês, *Plaid Cymru*, reagiu:

o despovoamento das partes mais ao norte dos vales não é a resposta. Isso seria a admissão da falência e equivaleria a desistir dos lugares que respiravam vida em nossa capital durante a Revolução Industrial, e continuam a fazê-lo com uma ampla e confiável força de trabalho que vai e volta diariamente. As coisas têm mudado bastante desde a restrição dos poços mineiros nos vales. Eu sou velha o suficiente para lembrar a greve dos mineiros de 1984/85, que foi, de meu ponto de vista e de muitos outros, uma desindustrialização deliberada de lugares tais como a Rhonda (Western Mail, 2015).

Woods era uma firme advogada pela permanência na União Europeia, mas era uma raiva como a dela (muito frequentemente revelada em carrancudo ressentimento) que também abastecia o voto pela saída. Raiva de ser esquecida e de ser deixada para trás, não apenas pelos conservadores, mas também pelo novo trabalhismo, com sua crença nos mercados e no novo mundo globalizado com fronteiras abertas. Raiva também do compromisso com guerras que não tinham nenhum propósito óbvio ao desestabilizar fatalmente o Oriente Médio, estimulando migrações em larga escala. Guerras lutadas com “recrutados econômicos” de Durham, do sul de Gales, e de outras áreas desfavorecidas. Dessa e de outras maneiras, o novo trabalhismo colocou em risco a confiança de seu próprio povo.

O pior estava por vir. Acompanhando a quebra financeira e a recessão subsequente da economia global em 2008/2009, cerca de uma década de políticas de austeridade introduzidas pelas administrações conduzidas pelos conservadores deixou claro que salvar os bancos e não

as vidas das pessoas nas áreas mineiras era a questão central. Já cambaleante por décadas de declínio econômico, isso aprofundou mais ainda o senso de negligência e desilusão com o sistema político existente, ainda mais porque as novas indústrias que foram atraídas para a região pelos incentivos financeiros também fecharam. Nas duas áreas mineiras, como em muitos outros lugares desindustrializados em outras partes do Reino Unido, muitas pessoas sentiram que seus interesses e preocupações não contavam, ignorados por políticos de todos os partidos, trancados na bolha de Westminster e cegos (ou, talvez, apenas insensíveis) ao que estava acontecendo no restante do Reino Unido.

Como consequência, e de maneira crescente, o passado veio a ser lembrado como um tempo em que essas áreas contavam para alguma coisa, quando as pessoas se uniam, quando elas tinham voz e quando outras pessoas notavam a existência delas. É na desmontagem desses modos de vida, em que duas áreas profundamente industrializadas e politizadas se transformaram em desindustrializadas e estagnadas, que nós podemos encontrar a explicação para a raiva que foi despejada no voto no referendo, sobre a saída do Reino Unido da União Europeia (o *Brexit*), e nas eleições gerais de 2019 (que deram a vitória ao Partido Conservador, os *Tories*).

Referências

Apresentação

BEYNON, Huw. **Trabalhando para Ford**. Trabalhadores e sindicalistas na indústria automobilística. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

BEYNON, Huw. A destruição da classe operária inglesa? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n.10, p. 5-27, 1995b.

BEYNON, Huw. As Práticas do Trabalho em Mutação. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.) **Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos**. Reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 9-38.

BEYNON, Huw. Globalização, Neoliberalismo e Direitos dos Trabalhadores no Reino Unido. *In*: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (org.). **Os Sentidos da Democracia**. Políticas do dissenso e hegemonia global. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 265-290.

NICHOLS, Theo; BEYNON, Huw. **Living with Capitalism**. Class relations and the modern factory. London: Routledge and Keagan Paul, 1977.

Artigo

BEYNON, Huw; HUDSON, Ray. **The Shadow of the Mine**. Coal and the Decline of industrial Britain. London: Verso, 2021.

GOODHART, David. **The Road to Somewhere**: The Populist Revolt and the Future of Politics. London: Hurst, 2017.

HARE, Bernard. Going Under. **The Guardian: Society**, London, 13 set. 2006.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in their Own Land**: Anger and Mourning on the American Right. New York: The New Press, 2016.

SHAHEEN, Faiza. **What Now? in Changing the Debate on Migration**. London: CLASS Brexit Update, 2016.

SHIPMAN, Tim. **All Out War**: The Full Story of How Brexit Sank Britain's Political Class. London: William Collins, 2017.